



Marcos R. Pisarski Junior  
(Organizador)

# INTERFACES CULTURAIS

Patrimônio,  
Sociedade e  
Sustentabilidade



  
Pantanal Editora

2020

Marcos Roberto Pisarski Junior  
(Organizador)

**INTERFACES CULTURAIS**  
**Patrimônio, Sociedade e**  
**Sustentabilidade**



2020

Copyright® Pantanal Editora  
Copyright do Texto® 2020 Os Autores  
Copyright da Edição® 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora  
Edição de Arte: A editora  
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Ma. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b><br><b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |   |
|---|---|
| I61   | Interfases culturais [recurso eletrônico] : patrimônio, sociedade e sustentabilidade / Organizador Marcos Roberto Pisarski Junior. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020.<br>54 p. : il. ; 14 x 21 cm<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-65-991208-0-0<br>DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786599120800">https://doi.org/10.46420/9786599120800</a><br><br>1. Cultura. 2. Patrimônio. 3. Sociedade. 4. Sustentabilidade. I. Pisarski Junior, Marcos Roberto.<br><br>CDD 353.7 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |   |

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>.

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A presente obra, intitulada “Interfaces Culturais: Patrimônio, Sociedade e Sustentabilidade”, busca apresentar um panorama amplo, transversal e interdisciplinar entre as inúmeras interfaces da cultura na realidade vivida, relacionando assim o patrimônio e a sustentabilidade como instrumentos de ressignificação da atual sociedade e do próprio ser humano.

Os trabalhos, aqui apresentados como capítulos, realizam uma exposição de diferentes realidades no Brasil, mostrando sua diversificada história e cultura, além de expor assim diferentes formas de interpretação do mundo. Desta forma a pluralidade é o fio condutor desta obra, permitindo que diferentes pontos de vista sejam expostos e estudado de forma natural e horizontal.

A atual pós-modernidade, fruto da globalização e das novas relações sociais, permite que o mundo inteiro esteja ao alcance de um toque na tela de um smartphone, que pessoas de diferentes países possam se ver e conversar como frente a frente e que diferentes gostos e costumes sejam compartilhados ao redor do globo. Entretanto, este processo também pode nos distanciar do que nos cerca, do nosso passado, do que somos e criar falsas necessidades e vontade na nossa vivência tão plural e diversificada, cabendo a nós pesquisadores interpretar e buscar alternativas para que a nossa essência não se perca quando o “Wi-Fi cair”.

Agradeço Pantanal Editora pela oportunidade de organizar esta obra e principalmente aos autores dos capítulos pela confiança, esforço e dedicação, pois assim viabilizaram a criação desta obra, possibilitando que mais pessoas entrem em contato com seus conhecimentos e permitindo a descoberta das diferentes realidades do nosso país.

Por fim, espero que este livro possa contribuir com o fortalecimento das diferentes identidades culturais existentes no Brasil, com a difusão de um pensamento coletivo e sustentável balizando o nosso cotidiano e com a difusão e empoderamento da ciência na nossa sociedade, que se mostra cada vez mais cega e carente de conhecimento.

**Marcos Roberto Pisarski Junior**

## SUMÁRIO


|   |    |
|---|----|
| <b>Apresentação</b>   | 4  |
| <b>Capítulo I</b>   |    |
| – Preservação e Comunicação do Patrimônio Cultural no Amapá pelo viés da Estética do Marabaixo                      | 6  |
| <b>Capítulo II</b>  |    |
| – Comportamento do Consumidor versus Consumo Consciente   | 21 |
| <b>Capítulo III</b>   |    |
| – Paróquia São Francisco de Assis de Goiânia: a concepção de pobreza e abordagens nos tempos atuais                 | 33 |
| <b>Capítulo IV</b>  |    |
| – Festas étnicas populares: as contribuições ao patrimônio cultural do Tooro Nagashi em Registro, São Paulo, Brasil | 42 |
| <b>Índice Remissivo</b>   | 54 |

## Capítulo I

# Preservação e Comunicação do Patrimônio Cultural no Amapá pelo viés da Estética do Marabaixo<sup>1</sup>

Recebido em: 11/04/2020

Aceito em: 21/04/2020

 10.46420/9786599120800cap1

Bruno Marcelo de Souza Costa<sup>2</sup>

Paulo Nunes<sup>3</sup>

Elivaldo Serrão Custódio<sup>4\*</sup>

## INTRODUÇÃO

O Marabaixo é uma dança de origem afro descente de presença marcante no Amapá, considerado como uma das maiores manifestações culturais do Estado a qual é dividida em duas partes: religiosa (com ladainhas em homenagem ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade) e a parte lúdica composta pela dança do Marabaixo e pelo baile dançante (com repertório musical eletrônico). A manifestação obedece a um Ciclo onde inicia-se logo no sábado de aleluia no Bairro Santa Rita (antigo Bairro da Favela como era conhecido) e no Domingo de Páscoa no Bairro do Laguinho. Festejo que se estende por aproximadamente dois meses.

Mesmo sendo considerado um patrimônio cultural do Estado, a manifestação ainda é pouco valorizada pela população de modo geral, sobretudo nos bairros onde a relação com o Marabaixo é inexistente e fora dos ciclos e famílias que vivenciam a manifestação.

Apesar das contribuições das leis Lei n° 10.639/2003 e Lei n° 11.645/2008 que tratam da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, percebe-se no âmbito escolar que tais temáticas ainda são pouco trabalhadas nos projetos pedagógicos, bem como nos livros didáticos e conseqüentemente nas práticas educacionais.

---

<sup>1</sup> O Marabaixo foi registrado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil no dia 08 de novembro de 2018. Cf. Fonte: <<http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4891/expressao-cultural-amapaense-o-marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

<sup>2</sup> Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED. Avenida Fab, 96, central, CEP: 68906-005, Macapá, Amapá, Brasil.

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia (UNAMA). Avenida Alcindo Cacela, 287, Umarizal, CEP: 66060-902, Belém, Pará, Brasil.

<sup>4</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Rod. Juscelino Kubitschek, km 02 - Jardim Marco Zero, CEP: 68903-419, Macapá, Amapá, Brasil.

\* Autor de correspondência: [elivaldo.pa@hotmail.com](mailto:elivaldo.pa@hotmail.com)

Assim, a disciplina de Arte tem função tão relevante quanto as outras áreas de conhecimento, uma vez que a mesma é um importante instrumento de identificação cultural e desenvolvimento individual.

Neste sentido, a presente pesquisa centrou-se em instigar nos alunos uma reflexão sobre a importância da salvaguarda da Dança do Marabaixo, enquanto elemento constituinte da identidade cultural do povo afroamapaense. Objetivando ainda: propor aos alunos um estudo sobre o Marabaixo, com o fim de reconhecerem e valorizarem tal manifestação enquanto herança cultural afrodescendente; possibilitar a aproximação dos alunos com a manifestação cultural, através de visitas nas casas das festeiras do Marabaixo; desenvolver narrativas visuais utilizando o tema Marabaixo; executar uma exposição com as produções feitas pelos alunos, acompanhada por cantos e o rufar dos tambores do Marabaixo.

Para atender os objetivos acima elencados, a pesquisa desenvolveu-se através revisão bibliográfica e trabalho de campo. Na primeira, buscou-se revisar literaturas que abordassem patrimônio cultural imaterial, identidade cultural, diversidade cultural, cultura afrodescendente, o ensino de arte e manifestação cultural, Marabaixo e festas populares. Na segunda, consistiu na realização de questionário com alunos do segundo ano do ensino médio da Escola Antônio Cordeiro Pontes, a fim de perceber a relação ou o quanto esse grupo de alunos conhecia sobre a manifestação cultural. Assim como a produção de narrativas visuais inspiradas no Marabaixo.

### **MARABAIXO: símbolo de resistência da cultura afrodescendente do estado do AMAPÁ**

Marabaixo dança cultural de matriz africana a qual é dividida em duas partes: religiosa e festiva. A religiosa é composta de dezoito ladainhas rezadas em latim popular, sendo nove para cada santo (Santíssima Trindade e Divino Espírito Santo). Esta parte tinha como tradição adentrar a Igreja de São José de Macapá para fazer a saudação ao padroeiro, no entanto, com a chegada dos Padres do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) nos meados da década de 1940 essa tradição foi proibida, pois associavam o Marabaixo pejorativamente a macumba que mostrava o desconhecimento total das duas culturas, sendo então proibida a entrada dos negros na Catedral. Ainda assim, eles continuaram a saudar o padroeiro do lado de fora da igreja. Somente no ano de 2013, através do apoio de alguns padres amapaenses que compreendendo a importância de respeitar e valorizar a cultura local concedem o retorno da saudação ao padroeiro na Catedral de Macapá.



O Marabaixo obedece a um ciclo que se inicia no sábado de aleluia, no Bairro Santa Rita (antigo bairro da Favela) e no domingo de Corpus Christi, domingo do Senhor no Bairro do Laguinho, seguindo um calendário próprio.

A outra parte da manifestação, é a dança propriamente dita, onde os brincantes arrastam os pés girando os corpos em movimentos simples, que seguem a cadências das caixas (instrumento de percussão do Marabaixo), porém sem nenhuma regra com relação aos passos da dança. Durante a festa é servida gengibirra, bebida típica feita de gengibre, açúcar e cachaça; também se serve um caldo de carne com bastante verduras para manter a energia dos brincantes.

O traje característico do Marabaixo para os homens era: camisa florida e calça branca; já as mulheres vestiam saias floridas com anáguas, blusas brancas, toalha no ombro para enxugar o suor. Como adornos: flores nos cabelos, colares bastante coloridos. No entanto essa estética vem mudando com o tempo, observa-se que, hoje em dia, as roupas possuem mais detalhes, alguns grupos acrescentam detalhes até nas camisas masculinas, fazendo-as com o mesmo tecido da blusa das mulheres, colocando apenas um detalhe florido na camisa. A roupa das mulheres também vem mudando muito: as saias agora não são somente floridas, possuem uma mistura de tecido liso com o florido, as blusas, também, passam a ser coloridas com detalhes floridos, onde os tecidos, agora, são de cambraia, cetim e tricoline, as flores nos cabelos, já não são mais naturais. Compreende-se que tais mudanças são necessárias até para que a manifestação permaneça entre as novas gerações.

### **O desafio de reconhecer sua identidade: a escola e sua importância na “Reetinização” cultural**

O Marabaixo é a mais forte contribuição afrodescendente ao nosso Estado, onde a própria comunidade o reconhece, no entanto, observa-se que:

Quem acompanha este evento são majoritariamente os grupos festeiros de Marabaixo da capital Macapá, autoridades políticas ou seus representantes e pesquisadores. A esmagadora maioria dos amapaenses não reconhece sua história retratada nos elementos e simbolismo do Marabaixo (Alves et. al., 2014).

Esta afirmação é constatada em algumas festas fora do espaço tradicional do Marabaixo e nas próprias instituições escolares, pois ao tocar as músicas (ladrões) do Marabaixo, observa-se que a maioria das pessoas, sente-se inibida em irem para o salão executar os passos da dança, talvez essa atitude seja em razão de ainda prevalecer na cabeça dessas pessoas, que o “bom”, o “bonito” o “correto” está pautado nos padrões de beleza eurocêntrica. É comum escutar entre um ou outro espectador: “começou a macumba”, “o

Marabaixo dos pretos do laguinho” ou ainda as pessoas associarem de forma pejorativa as saias e vestido floridos: “vai dançar Marabaixo?”.

O paradoxo em reconhecer o Marabaixo como patrimônio do Estado e ao mesmo tempo distanciar-se dele, pode ser compreendido como coloca Lopes (2008) *apud* Lopes et al. (2012):

Que o (a) brasileiro(a) que tem por ancestral o africano e o indígena, ao contrário dos brasileiros (a) de outras origens europeia, asiática, árabe, judaica e outras), só teve o direito de conhecer a história e a memória de seus ancestrais a partir das Leis n. 10.639/2003 e n.11645/2008, que alteram a Lei n.9394/96, responsável por estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, incluído no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena (Lopes 2008 *apud* Lopes et al., 2012).

Contudo, observa-se que apesar das leis de obrigatoriedade (Lei 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008) que tratam da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena” a abordagem desses temas ainda é muito tímida nos projetos pedagógicos e nos próprios livros didáticos e conseqüentemente nas práticas educacionais. Percebe-se certa resistência, quando não, um trabalho de forma superficial e folclórico, a maioria dos professores apesar de terem “liberdade” com relação aos conteúdos programáticos, acabam trabalhando um currículo linear, sem levar em consideração a diversidade cultural brasileira e/ou contexto da própria comunidade. Ainda é muito forte a ênfase de reprodução de imagens da cultura “eurocêntrica”, esquecendo de citar pintores, poetas escritores que abordam a temática da diversidade cultural. É claro que “[...] Nós não queremos construir uma sociedade de negros contra brancos, ou vice-versa, mais sim de todos” (Paraná, 2009 *apud* Lopes et al., 2012).

Queremos uma sociedade onde as pessoas não tenham dificuldade de se identificar com seus ancestrais, pois segundo Siqueira (2010):

Identidade é o reconhecimento do valor pessoal, o reconhecimento das origens, a confiança no que sou, no que serei. A certeza de não assumir as desigualdades, as discriminações, o racismo que a sociedade nos impõe. Identidade é a confiança na certeza de que a diferença é uma riqueza e nós somos os diferentes herdeiros de uma civilização negra que enriquece a sociedade brasileira e a cultura nacional (Siqueira, 2010 *apud* Lopes et al., 2012).

Porém reconhecer-se negro, ainda é uma atitude de “coragem”, visto que historicamente estamos impregnados de preconceitos e intolerância contra o negro, o qual nasceu, cresceu e vive ouvindo frases pejorativas baseadas no ideal de “beleza branco”. A aluna Amanda Ramos de Nogueira (aluna do 1º Ano) diz “Professora, danço Marabaixo desde pequenininha, mas não danço e nem falo para os meus colegas na escola, se não eles vão ficar tirando graça comigo, já me caçoam por causa do cabelo, imagina se souberem que eu danço Marabaixo. Gosto muito, mas tenho vergonha”.

Esse depoimento é um reflexo do que corrobora Lopes et al. (2012) quando afirma que “O fato de as crianças negras ou afrodescendente, salvo exceções, verem seus valores expressos em sua religiosidade e culturas desrespeitados pela escola e pela sociedade dificulta o processo de identificação dessas crianças com eles”.

No entanto observa-se que essa certa “vergonha”, dá-se apenas no ambiente fora dos espaços tradicionais dos festejos, visto que os alunos que participam da manifestação seja dançando, cantando ou tocando, etc., se envolvem de tal maneira com a festa que nem parecem os mesmos da sala de aula, que ficam envergonhados em dizerem que participam da manifestação. Acredita-se que esta total entrega do participante, se deva por estar no seu ambiente, onde ali ele sente que faz parte e que não sofrerá nenhum constrangimento pelos que estão a observá-lo.

Neste sentido afirma-se portanto, que a escola, enquanto espaço democrático, tem um papel de extrema importância para a promoção da igualdade racial, trabalhando a diversidade cultural “ela pode ser um espaço de construção de uma sociedade mais democrática, além de ser o principal instrumento de ascensão social da classe trabalhadora e de construção de uma sociedade civil forte” (Lopes et al., 2012). É necessário que professores compreendam sua importância no processo de promover o aprendizado com as diferenças e busquem contribuir para a “reterritorialização” das culturas seja negra, indígena, judaica etc.

### **No toque das caixas, no arrastar dos pés, ao rodar das saias, a cultura do marabaixo vai se propagando de geração a geração**

Considerando que a preservação do patrimônio cultural significa cuidar dos bens que representam uma determinada comunidade, e que para essa preservação é necessário compreender que:

Apenas a legislação não basta para garantir a salvaguarda desses bens. De fato, muitas culturas da maior importância se perderam por falta de legislação eficiente, mas também existem muitos bens culturais que se conservaram por séculos e séculos sob nenhuma ou apenas incipiente legislação de proteção. As leis, sem dúvida, podem favorecer as condições para a preservação do patrimônio cultural; mas ele só é eficiente preservado por meio da vivência voluntária das pessoas (Viana, 2008).

Observa-se então um desafio ao professor em inovar a forma de ensinar, imposta, na maioria das vezes, pela história oficial, onde a cultura negra é vista de forma estereotipada ou folclorizada.

Assim acredito que a valorização do Marabaixo, como conteúdo educacional oportunizará aos educandos o conhecimento de outras formas de saberes, outras formas de ser/existir como sujeitos históricos, sociais e corpóreos em um

processo mister para a “adoção de um paradigma do saber” e de outras possibilidades de abordagem pedagógicas do Marabaixo, como expressão de arte, História e cultura de nossos ancestrais negros nas escolas (Videira, 2014).

O Ensino do Marabaixo nas escolas, enquanto cultura popular afrodescendente, permite uma compreensão sobre a história e a memória dos ancestrais africanos, fazendo compreender que cada indivíduo possui uma bagagem cultural, a qual está cheia de saberes e fazeres muito peculiares, porém não inferiores ou superiores aos outros. Permite, ainda, que o aluno compreenda a diversidade cultural do Brasil como riqueza a ser considerada e não como uma hierarquia de culturas. Compreendendo que cada povo tem uma maneira própria de falar, de agir, de vestir, de comer, de cultivar, de se divertir. Segundo Murray (2008):

[...] as festas populares são o símbolo máximo da nossa identidade nacional e espelho coreográfico da alma do povo. Peça-destaque do nosso patrimônio, onde sagrado e profano se unem e se completam, elas permitem uma leitura das características étnicas-culturais de cada região do país, ao mesmo tempo em que sintetizam a natureza mestiça do brasileiro. Com seus cânticos, ritmos, danças, instrumentos, figurinos e adereços característicos, celebrados em forma de procissão, de romaria, de roda, de bloco ou de desfiles, nossas festas traduzem nossa diversidade multicultural multirracial, fazendo do Brasil o grande laboratório cultural da Idade Moderna. (Murray, 2008).

Portanto, abordar a Manifestação cultural do Marabaixo, através do canto dos movimentos, das roupas, das indumentárias, enfim dos elementos que constituem o Marabaixo, discutindo o significado e a importância de cada elemento, contribui para que o aluno possa reconhecer-se na manifestação e conseqüentemente identificar-se enquanto afrodescendente, sem medo de enfrentar a discriminação que por ventura venha sofrer. Assim como amplia a visão de quem não se reconheça como negro, mas passe a conhecer e respeitar a cultura do outro.

### **O ensino de Arte e suas relações com as manifestações culturais**

A disciplina de Arte tem uma função tão importante quanto as outras áreas do conhecimento, sendo:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2003).

Essa afirmação é reforçada nos PCNs, onde:

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal (Brasil, 1997).

Neste sentido, não cabe mais ao professor de arte e a nenhum outro, o discurso de imposição do currículo escolar, essa ideia de que o sistema cobra um currículo linear e que por isso não tem como fugir do mesmo. O professor precisa se posicionar diante dos “clamores” dos alunos, buscando trabalhar um currículo aliado a realidade social e cultural dos mesmos, desenvolvendo estratégias de ensino que favorecem a visão crítica dos educandos, pois se historicamente a escola aprendeu a excluir a cultura popular, então ela pode ensinar a desconstruir essa visão.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram definidos a fim de atender os objetivos anteriormente definidos. Com relação ao tipo, a presente pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2010) as pesquisas do tipo exploratórias “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato”, enquanto as pesquisas do tipo descritivas são “a descrição das características de determinada população ou fenômeno em relação entre variáveis”.

No que tange a abordagem a pesquisa utiliza-se dos métodos quantitativos, caracterizando como aquela na qual “os dados coletados podem ser matematizados. O pesquisador se vale de tabelas, gráficos porcentagens e estudos probabilísticos” (Gil, 2010). Contudo, a abordagem tem seu foco no método qualitativo, uma vez que este método “não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo” (Gerhardt; Silveira, 2009).

Na pesquisa qualitativa trabalhou-se com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis.

Como técnicas de investigação da pesquisa foram definidas a revisão bibliográfica, pesquisa de campo (pesquisa colaborativa) e observação direta. A revisão bibliográfica é aquela em que os “dados secundários são obtidos mediante consulta feita nos livros, revista, jornais, enciclopédias, etc.” (Marques 2006).

Sendo assim, foram buscadas fontes secundárias que versam sobre patrimônio cultural imaterial, identidade cultural, diversidade cultural, cultura afrodescendente, o ensino de arte e manifestação cultural, Marabaixo e festas populares. Já a pesquisa de campo, de acordo com o mesmo autor, é “a coleta de dados primários, ou seja, aqueles obtidos diretamente na fonte, independente se a abordagem é qualitativa ou quantitativa” (Marques,

2006). Deste modo, foram aplicados questionários com 16 alunos da turma 213 do 2º ano do Ensino Médio, com o objetivo de verificar: 1. Quantos alunos conhecem de fato o Marabaixo? 2. Se já haviam dançado? 3. Qual a relação que estes alunos tem com o Marabaixo enquanto patrimônio cultural do Estado no qual eles nasceram ou vivem?

A 1ª Etapa da pesquisa iniciou-se com o levantamento bibliográfico de temas pertinentes ao projeto a partir do mês de maio/2018. A 2ª Etapa ocorreu no início do mês de outubro/2018 e consistiu na aplicação do questionário com perguntas sobre a manifestação cultural do Marabaixo (Figura 1).

Em seguida foi passado um documentário: Marabaixo ciclo de amor, fé e esperança. Logo após foi feita uma discussão sobre o tema e depois os alunos foram convidados a fazerem um desenho sobre o que tinha chamado mais atenção no documentário como por exemplo: roupas, adornos, movimentos corporais, instrumentos musicais.



**Figura 1.** Aplicação de questionário com os alunos. Fonte: Os autores.

A 3ª Etapa realizou-se no final do mês de outubro de 2018 (duas aulas). Nesse dia, como previamente combinado, os alunos levaram telas para fazerem colagem onde eles iriam reproduzir imagens dos brincantes do Marabaixo, atentando para os movimentos dos brincantes, adornos e instrumentos musicais. Visualizado na Figura 2.



**Figura 2.** Produção das narrativas visuais pelos alunos. Fonte: Os autores.

A 4ª Etapa aconteceu no início do mês de novembro/2018, onde deu-se continuação a etapa anterior e após o término foi dado um papel para que os alunos pudessem expor sobre as atividades até então vivenciadas.

A 5ª Etapa culminou com a exposição das telas produzidas pelos alunos durante os encontros e ocorrer, no final do mês de novembro 2018 (Figura 3 e 4), visto que a escola desenvolve um projeto chamado Todas as Artes, que acontece toda última sexta-feira de cada mês. E no mês corrente, o tema foi Heranças culturais africanas, coincidindo com o projeto trabalhado.



**Figura 3.** Mural com telas produzidas pelos alunos. Fonte: Os autores.



**Figura 4.** Telas produzidas pelos alunos. Fonte: Os autores.

## RESULTADOS DA PESQUISA

Realizou-se a Pesquisa Participante na Escola Estadual Antônio Cordeiro Pontes, a qual oferece a modalidade do Ensino fundamental, somente (oito e novo ano) e 1º, 2º e 3º ano, do Ensino Médio, situada no Município de Macapá, Bairro central, tendo como bairros adjacentes: Perpétuo Socorro e Laginho (Julião Ramos).

O questionário, composto de 08 perguntas referentes as características do Marabaixo, foi realizado com 16 alunos da turma 213 do 2º ano do Ensino Médio, onde constatou-se que apesar de 10 alunos informarem que conheciam a manifestação, os mesmos não conseguiram responder a perguntas simples sobre as características do referido tema. Os outros 06 alunos disseram que não conheciam nada sobre a manifestação.

Nas questões com relação aos instrumentos, simbologias da manifestação, a maioria dos alunos não souberam responder, como por exemplo: nome do instrumento de percussão, mês do ciclo do Marabaixo, santos homenageados, bairros da realização da festa. Apenas quatro alunos acertaram o nome da bebida servida durante a manifestação, etc. o que demonstra que na realidade os mesmos sabem da manifestação, mas não têm uma relação próxima com a manifestação.

Logo após, houve a exibição do Documentário sobre o Marabaixo e, em seguida, a discussão, onde os próprios alunos puderam tirar suas dúvidas, sobre as questões que não conseguiram resolver no questionário dado a eles antes do documentário. Na verdade, a pesquisa prévia foi feita para justamente perceber qual a relação desses alunos com a referida manifestação cultural.



O resultado já era o que se esperava, é mais fácil dizer que os mesmos conhecem mais da cultura de outros estados, que do seu próprio espaço em que nasceram ou vivem. Percebe-se, portanto, como diz Ana Mae “... é necessário que a escola forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações”. (Barbosa, 2003). Oportunizar o encontro com culturas diferentes aos alunos contribui para o desenvolvimento crítico dos mesmos e conseqüentemente ao processo de respeito a diversidades, onde cabe ao professor mostrar as diferenças sem fazer comparações, no sentido do que é melhor ou não, pois o julgamento cabe ao aluno.

Na etapa de produção, conseguiu-se perceber o envolvimento dos alunos, onde eles talharam as vestes, costuraram e adicionaram os detalhes dos cabelos bem como os acessórios usados pelos brincantes do Marabaixo, alguns alunos informaram que pediram ajuda para as mães e avós. O processo de produção foi feito em dois encontros, totalizando quatro aulas. Após a produção, os alunos receberam um papel no qual eles deveriam expor sobre as experiências vivenciadas durante o Projeto de Intervenção. Esse resultado foi bem interessante, pois a maioria dos alunos respondeu que começou a ter um novo olhar sobre a referida manifestação.

Inclusive desconstruindo preconceitos existentes, como disse o aluno Gabriel:

Eu nunca dei tanta importância ao Marabaixo, eu posso apontar motivos. Para começar, meus familiares não têm certa simpatia pela cultura africana. Minha avó é racista, então o contato com o Marabaixo era nulo. Aquilo era “coisa de preto”, como eu ouvia. E também, a minha falta de interesse.

Graça a escola, eu larguei os estereótipos ridículos e aprendi o que era arte. Abri mais a minha mente, [...].

Se pararmos para pensar, é cada coisa besta que dizemos e ouvimos todos os dias. O preconceito é uma piada que ouço da ignorância. (Depoimento de aluno do 2º ano do ensino médio)

A última etapa do projeto culminou com a exposição dos trabalhos dos alunos (Figura 5), onde concorda-se com Pougy que diz que: “entre os componentes do processo artístico, as práticas de divulgação das obras de arte são de extrema necessidade. Afinal, para que a obra ganhe sentido, é preciso que dialogue com o público e que circule socialmente” (Pougy, 2011).



**Figura 5.** Tela produzida por um dos alunos. Fonte: Os autores.

Neste sentido a exposição com as produções dos alunos foi marcada para o final do mês de novembro/ 2018, já que seria a culminância do Projeto Todas as Artes, como foi mencionado anteriormente. Os mesmos foram envolvidos em todo o processo, desde produção, planejamento e a montagem da exposição.

Durante a exposição houve vários espetáculos: declamação de poemas, músicas e danças. É relevante lembrar o depoimento da aluna Amanda, mencionado anteriormente, pois a mesma deixou a vergonha de lado e assumiu sua identidade, fazendo uma belíssima apresentação de Marabaixo, como ilustra a Figura 6, encerrando com o batuque, e em contrapartida os alunos corresponderam com muitos aplausos.

Acredita-se que essa atitude teve uma parcela de contribuição das aulas de arte, visto que nas mesmas as professoras proporcionaram a discussão com a turma sobre a questão da identidade cultural e a contribuição da cultura africana no Brasil.



**Figura 6.** Apresentação de Marabaixo da aluna Amanda. Fonte: Os autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância de salvaguardar o patrimônio imaterial para a preservação da memória coletiva e afirmação da identidade cultural do indivíduo, esta pesquisa buscou investigar o Marabaixo dança de matriz africana, símbolo de resistência do negro amapaense como tema a ser abordado em todas as escolas do Amapá. Através da pesquisa pôde-se constatar que os poucos alunos que dizem conhecer o Marabaixo, na verdade não o conhecem de fato, não sabem os principais elementos, símbolos e significados dos mesmos presentes na referida manifestação.

O estudo confirmou ainda, o que diz Alves (2014) em seu artigo sobre a participação do povo amapaense, onde nas festas do Marabaixo, a maioria dos participantes são pessoas que fazem parte dos grupos festeiros, apesar da população reconhecer o Marabaixo como patrimônio cultural do Estado, não consegue se identificar com tal manifestação e mesmo indo aos locais dos festejos, acaba ficando apenas como espectadora, durante a dança do Marabaixo.

No entanto, no momento do baile dançante, regado a música eletrônica, percebe-se que o salão fica cheio de pessoas dançando outros ritmos como: zouk, brega, carimbó etc., ritmos que também fazem parte da cultura do estado, por influência da Guiana Francesa e do estado do Pará. O que leva a afirmar que o amapaense, na sua maioria, conhece e valoriza

mais a cultura de outros locais que a do seu meio. Contudo, afirma-se que é necessário a escola assumir o papel de levar para discussão essas manifestações, a fim de trabalhar a base para que as gerações futuras possam crescer com um pensamento diferente do que se percebe hoje com relação a cultura local.

Corrobora-se com o pensamento de Videira (2014) quando diz que: “podemos ensinar na escola o valor sócio histórico e cultural dessas tradições relevantes para educar as pessoas a respeitarem a diversidade das culturas e, sobretudo, dos seres humanos que se entre cruzam nos espaços escolares”.

Em meio aos objetivos propostos, conclui-se que dentro do espaço escolar a disciplina de arte é uma grande aliada para a promoção do respeito a diversidade cultural, onde se faz necessário o professor trabalhar a cultura local, buscando envolver toda a comunidade escolar, a fim de que todos possam conhecer, identificar, valorizar e quem sabe se reconhecer dentro destas manifestações culturais para que assim busquem gerar um sentimento de identidade e, conseqüentemente, a continuidade do Marabaixo enquanto patrimônio imaterial do Amapá.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves IC, Lobato LGR, Pereira ML, Nogueira RS (2014). O ciclo do Marabaixo e Macapá e a Igreja Católica Romana. *Journal of Bioenergy and Food Science*, 1(2): 57-60.
- Barbosa AM (2003). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. Ana Mae Barbosa (Org) [et. al.]. – 2. ed. – São Paulo: Cortez.
- Brasil (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF.
- Gerhart TE, Silveira DT (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 120p.
- Gil AC (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. – 3 reimpre. – São Paulo. Atlas. 192p.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN (2019). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4891/expressao-cultural-amapaense-o-marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- Lemos CAC (1982). *O que é patrimônio histórico*. 2<sup>a</sup> ed. Ed. brasileira. São Paulo. 130p.
- Lopes CVG, Farias MLM, Renner RL (2012). *Práticas em Educação: Os cenários da diversidade*. 2<sup>a</sup> Ed. FAEL. 162p.
- Marabaixo (2008). *Ciclo de amor, fé e esperança*. Documentário. Direção. Thomé Azevedo, Produtora Ana Vidigal. DVD 20 minutos.

- Marques HR (2006). *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico* [et al.]. – Campo Grande: UCDB. 171p.
- Murray C (2008). As festas populares como objeto de memória. In. *Memória, Patrimônio e Identidade*-Boletim 04, abril de 2005 Salto para o futuro. 22-27p.
- Pougy EGP (2011). *Arte: soluções para dez desafios do professor*. – São Paulo: Ática. 96p.
- Viana L (2008). *Patrimônio Imaterial: Cultura Popular e Educação*. Salto para o futuro.
- Videira PL (2014). Marabaixo e Batuque: práticas pedagógicas com saberes. In: *Coletânea Educação e Diversidade*, estudos e pesquisa. Vol. 2. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/piedade\\_lino2.pdf](https://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/piedade_lino2.pdf)>. Acesso em 27 jun.



**id Marcos Roberto Pisarski Junior**

É mestre em Turismo, na área de Turismo, Sociedade e Meio Ambiente, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atualmente, é docente nos cursos de Gastronomia, Hotelaria e Administração na Universidade Estadual de Goiás – UEG, Campus de Caldas Novas/GO e Coordenador de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduou-se em Marketing pela UNINTER e em Gastronomia pela PUCPR, possui pós-graduação em Docência do Ensino Superior (FESL) e Gestão em Alimentação e Nutrição (FAMART).

Publicou e apresentou diversos artigos em revistas acadêmicas e congressos nacionais e internacionais nas áreas de Cultura, Alimentação, Patrimônio e Turismo. Dispõe de capítulos de livros no Brasil e Exterior, como principal na "Prace Filologiczne" da Universidade de Varsóvia/POL.

Atua como Pesquisador-associado da CLAEC (Centro Latinoamericano de Estudos em Cultura) e ANP-TUR (Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo), além de Avaliador Parecerista em revistas científicas, Agente Cultural e Palestrante.

Contato: marcos.pisarski@gmail.com,  
(41)99193-9737

ISBN 978-659912080-0



Pantanal Editora  
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso - Brasil  
Telefone (66)99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)